

## **Análise crítica interseccional do discurso multimodal de representações do trabalho e dos/as trabalhadores/as na pandemia de COVID-19 em *webcomics***

*Intersectional critical discourse analysis of the multimodal representations of work and workers in the COVID-19 pandemic in webcomics*

Tammara Thaís de Sousa, OLIVEIRA (UFPB)<sup>1</sup>

Fábio Alexandre Silva, BEZERRA (UFPB)<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A pandemia da COVID-19 e os acontecimentos sociais dela decorrentes trouxeram significativas mudanças em diversas áreas da vida em sociedade (p. ex. trabalho remoto). Contudo, essas mudanças atingiram as pessoas de diferentes formas, de acordo com questões de raça, classe e gênero. Com base em conceitos e categorias de análise da gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006), no modelo tridimensional proposto por Fairclough (2015[1989], 1995) para a análise crítica do discurso, e no conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 1991; COLLINS; BILGE, 2016), esta pesquisa investiga como *webcomics* (quadrinhos *online*) veiculadas nas redes sociais representam o trabalho e os/as trabalhadores/as nesse contexto pandêmico. Resultados gerais indicam que as *webcomics* representam importantes aspectos das realidades do trabalho remoto e presencial, levando em consideração aspectos interseccionais, tais como raça, classe e gênero, a fim de revelar como a pandemia da COVID-19 tem afetado grupos sociais diferentes de maneiras particulares, revelando opressões e relações de inequidade que caracterizam nosso contexto nacional.

**Palavras-Chave:** Multimodalidade, Análise Crítica do Discurso, Interseccionalidade, Pandemia de COVID-19, *Webcomics*

### **ABSTRACT**

*The COVID-19 pandemic and the resulting social events brought about significant changes in various areas of social life (e.g. work from home). However, these changes affected people in different ways, according to issues of race, class and gender. Based on concepts and categories of analysis of the grammar of visual design by Kress and van Leeuwen (2006), on the three-dimensional model proposed by Fairclough (2015[1989], 1995) for critical discourse analysis, and on the concept of intersectionality (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 1991; COLLINS; BILGE, 2016), this research investigates how webcomics (online comics) posted on social media represent work and workers in this pandemic context. Overall results indicate that webcomics represent important aspects of the realities of remote and face-to-face work, taking into account intersectional aspects, such as race, class and gender, to reveal how the COVID-19 pandemic has affected different social groups in particular ways, revealing oppressions and inequitable relations that characterize our national context.*

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5089-8176>. E-mail: [tammara.oliveira@hotmail.com](mailto:tammara.oliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3383-0188>. E-mail: [fabes10@yahoo.com.br](mailto:fabes10@yahoo.com.br)

**Keywords:** *Multimodality, Critical Discourse Analysis, Intersectionality, COVID-19 Pandemic, Webcomics*

## 1. Introdução

Em contexto sociocultural de constante evolução dos recursos tecnológicos e dos meios de comunicação, as linguagens têm desempenhado, em seus diversos modos, papéis e funções essenciais nas interações em sociedade por meio de variados gêneros textuais, que se apresentam, por sua vez, cada vez mais multimodais. Esses gêneros, materializados em textos verbais (p. ex. escritos e/ou sonoros) e não verbais (p. ex. imagens, sons, e/ou movimentos), são constituídos por meio do uso de diferentes cores, efeitos de animação, *designs* de tipografias, formatações, suportes, *hiperlinks* etc., criando composições multimodais, em esferas distintas: literária, artística, política, acadêmica, ativista, jornalística e/ou publicitária.

Na situação atual altamente desafiadora de pandemia causada pela COVID-19, os arranjos sociais têm sofrido profundas mudanças, quer seja na maneira como as pessoas estão tendo que reinventar suas relações familiares, sociais e profissionais, a partir de novas configurações espaço-temporais, quer seja no modo como essas relações têm se (re)configurado por meio da popularização de práticas comunicativas (p. ex. ferramentas de vídeo-chamadas como Zoom e Google Meet), da ressignificação de conhecidos recursos (p. ex. redes sociais), do surgimento de novos aplicativos (p. ex. SUS Coronavírus, e Auxílio Emergencial), e da disseminação do uso de outros (p. ex. iFood, Uber, e Rappi).

Notemos, aqui, que todos recursos tecnológicos e comunicacionais exigem do/a usuário/a conhecimentos que ultrapassam (e, por vezes, até dispensam) sólida proficiência na língua escrita. Há, ao contrário, uma exigência marcada de *competência comunicativa multimodal* (HEBERLE, 2010; ROYCE, 2007), por meio da qual o/a leitor/a constrói sentidos a partir de textos multimodais precisamente a partir da capacidade de compreender como modos semióticos diversos contribuem para a situação de comunicação específica (p. ex. imagens, cores, movimentos, símbolos). Tais recursos assumem destacada importância, portanto, neste período de isolamento social em razão da pandemia da COVID-19, para que as pessoas consigam dar conta, mesmo que minimamente, de importantes esferas de suas vidas em sociedade, tais como educação e trabalho.

Portanto, com o isolamento social, emergiu uma realidade em que o trabalho remoto, as aulas a distância, os encontros virtuais e os aplicativos de entrega em domicílio tornaram-se parte da rotina de milhares de pessoas, de modo que estamos cercados por elementos multissemióticos em nossas rotinas diárias (TOLEDO; PALUMBO, 2020). Mais do que nunca, nossa vida em sociedade aponta a relevância

do trabalho com multiletramentos (BEZERRA, 2018; COPE; KALANTZIS, 2015; NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011; ROJO, 2012), em contextos formais e informais de ensino e aprendizagem, a fim de formarmos leitores/as competentes diante de intensificadas demandas.

Segundo o Cetic.br<sup>3</sup>, em pesquisa divulgada em agosto de 2020, houve um aumento do uso da internet por todas as classes sociais e faixas etárias, explicado pela ampliação do trabalho e do ensino remotos, assim como pelo acesso aos programas governamentais emergenciais. Em meio à pandemia, o uso das redes sociais aumentou consideravelmente durante o isolamento social, como evidencia um estudo feito pela consultoria Kantar, com dados de mais de 25.000 pessoas em 30 mercados.

O *WhatsApp* teve um aumento de 40% no uso; na fase inicial da pandemia, o uso aumenta 27%, na fase intermediária 41% e os países na fase final da pandemia observam um aumento de 51%. O uso geral do Facebook aumentou 37%. O uso do *WhatsApp*, Facebook e Instagram tiveram um aumento de mais de 40% entre menores de 35 anos.<sup>4</sup> (KANTAR, 2020, s/p, tradução nossa)

Contudo, segundo o Núcleo da Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br (2018), apenas cerca de 126,9 milhões de pessoas estão conectados à rede, representando 67% dos domicílios do Brasil. Sendo assim, ainda existe uma grande parte da população sem acesso ou com acesso limitado à internet. Sobre isso Carneiro *et al.* (2020, p. 12) afirmam que, apesar de o Brasil ter um índice de acesso à internet acima da média dos países em desenvolvimento, “a internet com maior velocidade, em regra obtida a partir de redes de banda larga fixa, são mais presentes nas regiões mais desenvolvidas do país (Sul e Sudeste) e nas classes mais ricas (A e B)”.

Sob essa perspectiva, o cenário de confinamento, causado pela pandemia de COVID-19, associado à reorganização de rotinas e a incertezas envolvendo o futuro relacionado ao emprego, ao mercado de trabalho, e à adaptação a uma nova realidade pós-pandemia, tem afetado a maior parte da população de diversas maneiras, e em intensidades também distintas. Segundo a diretora do Departamento de Saúde Mental da OMS, Devora Kestel, nesse cenário, as pessoas estão se sentindo

---

<sup>3</sup> O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), criado em 2005, com a missão de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil, é um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br). Fonte: <https://cetic.br/pt/sobre/>.

<sup>4</sup> Texto original: WhatsApp has seen a 40% increase in usage; in the early phase of the pandemic usage increases 27%, in mid-phase 41% and countries in the late phase of the pandemic see an increase of 51%. Spain experienced a 76% increase in time spent on WhatsApp. Overall Facebook usage has increased 37%. Increased usage across all messaging platforms has been biggest in the 18-34 age group. WhatsApp, Facebook and Instagram have all experienced a 40%+ increase in usage from under-35-year-olds.

cada vez mais sozinhas e ansiosas, destacando o sofrimento psicológico que o isolamento, o medo, a incerteza e o caos econômico podem causar (MINGHUI *et al.*, 2020).

Somos bombardeados com informações e opiniões em diversas plataformas digitais, ora sustentadas pela ciência ora pelo senso comum. As notícias são propagadas rapidamente, sejam elas verdadeiras ou não, causando grande preocupação a disseminação das *fake news*.

O termo *fake news* denomina a produção e propagação massiva de notícias falsas, com objetivo de distorcer fatos intencionalmente, de modo a atrair audiência, enganar, desinformar, induzir a erros, manipular a opinião pública, desprestigiar ou exaltar uma instituição ou uma pessoa, diante de um assunto específico, para obter vantagens econômicas e políticas. (GUALHARDI *et al.*, 2020, p. 4203)

Quantificar o fenômeno das *fake news* não é fácil, pois, devido ao seu caráter viral, elas se espalham rapidamente, são difíceis de rastrear e ressurgem depois de aparentemente erradicadas. Com a pandemia, essas características parecem amplificadas, como mostra a plataforma “*Eu Fiscalizo*”<sup>5</sup>, lançada em uma sessão do Senado Federal no dia 10 de fevereiro de 2020.

A plataforma, que recebia diversas denúncias sobre conteúdos impróprios para crianças e adolescentes na televisão aberta, por assinatura, serviço de streaming etc., passou a receber 98% de notificações sobre notícias falsas relacionadas à COVID-19 (GALHARDI *et al.*, 2020).

Nesse sentido, é possível afirmar que, no atual contexto social, o desenvolvimento da *competência comunicativa multimodal* (ROYCE, 2007), compreendida como “o conhecimento e o uso da linguagem no que diz respeito às dimensões visual, gestual, auditiva e espacial da comunicação, incluindo aquelas mediadas pelo computador” (HEBERLE, 2010, p. 102), é de extrema relevância, principalmente quando nos referimos aos textos amplamente difundidos nas redes sociais. A leitura crítica desses textos multimodais nos possibilita identificar e questionar os discursos, as ideologias e os sentidos que permeiam todos os textos, especialmente em suas camadas mais profundas.

Sob essa ótica, temos nas *webcomics* (quadrinhos digitais) um bom exemplo de gênero híbrido que tem sido utilizado por diversos/as ilustradores/as e quadrinistas como forma de abordar temas que refletem o momento de isolamento, dando destaque para a importância de interagirmos de maneira competente com os textos nos diversos contextos em que nos encontramos a partir das múltiplas

---

<sup>5</sup> Segundo informa o próprio site, o “*Eu Fiscalizo* é uma plataforma mobile + cloud capaz de fazer o registro e a gestão de qualquer tipo de ocorrência por meio da captura de informações em diversos tipos de canais ou mídias (usando texto, foto, áudio, vídeo, geolocalização, QR-Code e muito mais)”. Disponível em: <https://www.eufiscalizo.com>. Acesso em: 11 jan. 2021.

semioses que os compõem, precisamente pelo fato de que significados são contextualmente localizados, e decorrem de trocas dialógicas (BAKHTIN, 2007).

Essa maneira de consumir quadrinhos, utilizando as redes sociais, inspirou diversos/as quadrinistas, tais como Ana Paloma Silva, Ana Carolina Silva, Bennê Arte, Carol Ito, Helô D'Ângelo, Laura Athayde e Pietro Soldi, a usá-los como ferramenta para crítica social<sup>6</sup>. Este artigo pretende, portanto, analisar *webcomics* dos/as supracitados/as autores/as, levando em consideração sua potencial repercussão e visibilidade durante o período de março a novembro de 2020.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar criticamente os discursos de *webcomics* que abordam o trabalho na pandemia de COVID-19 como tema principal<sup>7</sup>, e que são veiculadas nas redes sociais, mais especificamente Instagram, Twitter e Facebook. Como desdobramentos, estes são os objetivos específicos: descrever os recursos multimodais utilizados nas *webcomics* para construir representações sobre o trabalho e os/as trabalhadores/as durante essa pandemia; revelar e discutir discursos que permeiam as representações multimodais analisadas; avaliar se as *webcomics* analisadas criam representações que possibilitem críticas sociais interseccionais.

## 2. Procedimentos metodológicos

Inicialmente, foi realizada uma busca no Instagram pelas seguintes *hashtags*<sup>8</sup>: #pandemia, #quarentena, #webcomic, #tirinha. Como primeiro filtro, decidimos que analisaríamos *webcomics* mais curtas para que fosse possível incluir uma quantidade maior de autores/as e perspectivas. Durante essa pesquisa, encontramos o perfil @politicashq, criado para divulgar quadrinhos políticos feitos por mulheres (cis e trans) e pessoas não binárias, no qual estavam publicadas *webcomics* de diversos/as autores/as que abordavam o tema da pandemia.

Em seguida, ao acessar o perfil do Instagram de cada um/a desses/as autores/as, clicamos no botão que mostra “sugestões para você”, por meio do qual são sugeridos outros perfis semelhantes. Dessa forma, olhamos os trabalhos de todos os/as autores/as que foram postados no perfil @politicashq,

---

<sup>6</sup> Por acreditar que a escrita acadêmica pode e deve ser lugar de ativismo social, consideramos importante definirmos nosso lugar de fala. Como descrito por Djamila Ribeiro (2019) o lugar de fala se refere ao lugar social que grupos de pessoas ocupam dentro da estrutura social, sendo determinado por intersecções de raça, classe, gênero, sexualidade, etc. Sendo assim, nossa identificação pode ser descrita, na ordem de autoria deste artigo da seguinte maneira: mulher cis, hétero, branca, e de classe média; e homem cis, gay, branco, e de classe média. É a partir dessas posições, desses lugares de fala, que escrevemos sobre opressões vivenciadas por grupos particulares neste artigo.

<sup>7</sup> É importante destacar que as discussões desenvolvidas neste artigo não se propõem a oferecer uma visão generalista de todos os discursos sobre o trabalho durante a pandemia de COVID-19, visto que utilizamos um recorte que, apesar de cuidadoso, representa parcela de um universo mais amplo a partir dos critérios que julgamos pertinentes para desenvolver esta pesquisa de natureza qualitativa e de caráter interpretativo.

<sup>8</sup> *Hashtag* é um “recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona” (HASHTAG, 2020, s/p).

além de todos os perfis semelhantes sugeridos, o que nos permitiu selecionar uma grande quantidade de *webcomics* que tinham a pandemia como tema central.

Posteriormente, percebemos que as *webcomics* selecionadas abordavam, além da pandemia, temas ainda mais específicos dentro desse contexto, como trabalho, educação a distância, saúde mental e relações interpessoais. Sendo assim, decidimos enfatizar o tema do trabalho na pandemia devido a sua maior amplitude, possibilitando incluir quadrinhos sobre aulas remotas, relações e configurações do trabalho, assim como relações interpessoais no trabalho.

A partir desse recorte inicial, chegamos à quantidade de oito *webcomics* de diferentes autores/as que abordam o tema escolhido por diferentes ângulos. Por fim, para fins de escrita deste artigo, selecionamos quatro das oito *webcomics* iniciais, cujo recorte foi feito obedecendo os seguintes critérios: a) ordem de autorização de seu uso para publicação; e b) *webcomics* que tratassem do trabalho fora (duas) e dentro (duas) de casa.

Tendo sido finalizado o recorte, partimos para a análise multimodal com base nos conceitos e categorias de análise da metafunção representacional descrita na gramática do *design* visual proposta por Kress e van Leeuwen (2006). Com o resultado das análises multimodais, foi iniciada a análise crítica do discurso dessas *webcomics* a partir do modelo tridimensional de Fairclough (2015[1989], 1995), ao considerar o texto, as práticas discursivas e as práticas sociais, momento em que é dada a devida atenção para questões interseccionais. Todos esses aspectos teóricos são descritos e exemplificados na seção 4.

Logo após a seção teórica, seguem a análise e discussão dos resultados e as considerações finais, em que apresentamos um resumo dos principais resultados a partir de nossos objetivos de pesquisa, além de algumas implicações pedagógicas.

### 3. *Webcomics*: histórias em quadrinhos no mundo digital

As histórias em quadrinhos (HQs) são uma forma de narrativa que emprega recursos linguísticos e imagéticos para contar histórias nas quais cenas cotidianas e suas relações com a pluralidade de culturas e identidades são temas recorrentes. À medida que foram surgindo novos modos de produção e de circulação da informação, as já conhecidas HQs seguiram seu caminho para o mundo digital, dando origem às chamadas *webcomics*.

Os primeiros quadrinhos a serem disponibilizados na internet partiram da iniciativa dos/as seus/suas próprios/as leitores/as, nada mais sendo do que digitalizações dos materiais originais impressos (CARDOSO; DOMINGOS, 2015). Com o tempo, e a partir da necessidade de legalizar essa forma de quadrinhos, as editoras resolveram disponibilizar as suas publicações *online*. O termo

*webcomic* (ou *webtoon*) surgiu na Coreia do Sul para designar os *manhwas* feitos para serem lidos *online*, não se restringindo apenas aos quadrinhos coreanos (MUNIZ, 2017).

Ainda que não estivessem mais reféns das limitações do papel, os quadrinhos continuaram a ser construídos baseados no modelo clássico, independente do formato da tela dos computadores. A migração para o meio *online* também propiciou uma maior facilidade de divulgar trabalhos para um grande público sem precisar atender às exigências das editoras de quadrinhos, abrindo espaço também para artistas amadores/as publicarem suas histórias. Além disso, os recursos oferecidos pelas mídias digitais viabilizaram a possibilidade de estender a capacidade narrativa das histórias em quadrinhos que antes eram impossíveis de serem executadas (MUNIZ, 2017).

Interessante destacar que o *layout* básico dos quadrinhos, com formato e proporção rígidos, surgiu a partir da necessidade de se adequar ao modelo dos jornais e às limitações das impressões. A necessidade de adaptar a história à forma e à estrutura do papel permitiu a criação de uma linguagem própria desse gênero (MUNIZ, 2017). Qualidades como o tipo de traço e a forma como as cores chamam o olhar interpretante e focado do/a leitor/a de HQs, assim como o tamanho, a disposição espacial e a perspectiva dos quadros (MCCLLOUD, 2005).

Sobre isso, Eisner (1999) explica que o próprio formato do quadrinho (o requadro) pode ser usado como um recurso para capturar ou encapsular os eventos que ocorrem ao decorrer da narrativa, criando segmentos sequenciados onde a ação é decomposta. O formato ou, até mesmo, a ausência do requadro pode se tornar um recurso narrativo, também tendo como função servir como enquadramento da cena para conter a visão do/a leitor/a.

As histórias em quadrinhos, ao passo que se manifestam como meio de comunicação e de mediação social, podem ser utilizadas como mecanismos didáticos para ensinar e disseminar crenças, valores e comportamentos dentro de um espaço social, influenciando relações sociais ao imprimir destaque para certas questões de relevância para o convívio em sociedade (EISNER, 2008).

#### **4. Por uma análise crítica e interseccional do discurso multimodal**

Uma das propostas para o letramento visual se dá a partir do conhecimento e da utilização dos conceitos e das categorias de análise da gramática do *design* visual (GDV) apresentada por Kress e van Leeuwen (2006), que tem servido de base teórico-analítica para os estudos linguísticos relacionados à leitura crítica de imagens e à compreensão do seu processo de construção de sentidos.

Kress e van Leeuwen (2006), ao tratar do texto multimodal, a partir de extrapolação de conceitos propostos nos estudos linguísticos sistêmico-funcionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), afirmam que as estruturas visuais se assemelham às estruturas linguísticas, constituindo formas de

interação social, ou seja, as escolhas de composição de uma imagem também são feitas a partir de uma rede maior de potenciais significados, ou de campos semânticos (metafunções): representacional, interacional, e composicional.

Devido ao foco deste artigo nas representações do trabalho e dos/as trabalhadores/as na pandemia, concentramos nossas análises na metafunção representacional. Os significados representacionais, estão ligados à maneira como se representa a experiência, sendo segmentados em dois campos ideacionais principais: *representações narrativas* e *representações conceituais*.

As *representações narrativas* correspondem a ações entre participantes e eventos que se desencadeiam no espaço e no tempo, analisando-se, sobretudo, a presença dos/as participantes envolvidos/as no evento, a presença de vetores indicando ação ou reação (setas propriamente ditas ou vetores formados pela linha do olhar, dos braços e/ou da orientação corporal, etc.). As *representações narrativas* são realizadas por meio de quatro tipos de processos: *acional*, *reacional*, *mental* e *verbal*. Os processos *acional* e *reacional* são identificados pela presença de vetores (linha imaginária indicando ação/movimento e/ou direção), sendo o vetor do processo *reacional* formado exclusivamente pela linha do olhar do/a participante representado/a.

Os *processos acionais* podem ser *transacionais* (Fig. 1)<sup>9</sup>, quando vemos o Ator (menina) e a Meta (bola), ou *não transacionais* (Fig. 2), pois há apenas um participante (Ator) envolvido no processo (correr). A Figura 1 também mostra um processo reacional transacional, pois estão representados quem vê (menina), i.e. Reator, e o que é visto (bola), i.e. Fenômeno. A Figura 3, por sua vez, apresenta um processo de *reação não transacional*, uma vez que não conseguimos saber para onde os participantes (i.e. Reatores) estão olhando.

**Figura 1.** Processos acional e reacional transacionais



Fonte: Pixabay.

**Figura 2.** Processo acional não transacional



Fonte: Pixabay.

**Figura 3.** Processos reacionais não transacionais



Fonte: Pixabay.

<sup>9</sup> Todas as imagens utilizadas nesta seção para ilustrar as categorias de análise da gramática do *design* visual de Kress e van Leeuwen (2006) foram retiradas de páginas da internet que trazem imagens de domínio público.



Quanto aos *processos mentais e verbais* (Fig. 4), aqueles são marcados pela presença de balões de pensamento partindo de um participante (Experienciador) e encapsulando o pensamento, i.e. Fenômeno, ao passo que os processos verbais são realizados por balões de fala partindo de um participante (Dizente), encapsulando o Enunciado, possivelmente direcionado a outro participante (Receptor). Tais processos são frequentemente encontrados em histórias em quadrinhos e *webcomics*.

**Figura 4.** Processos verbais e processo mental



Fonte: Flickr.

As *representações conceituais* se referem a descrições e a classificações, sendo caracterizadas pela ausência de vetores, pela presença de participantes em destaque e pela ausência ou menor detalhamento do plano de fundo. Investiga-se, em particular, os/as participantes, discutindo-lhes a classe, a estrutura e os significados. Elas podem ser representadas por meio de processos classificacionais, quando identificamos organização dos/as participantes por meio de taxonomias explícitas ou implícitas (Fig. 5, carros); de processos analíticos, que ilustram participantes em relações parte/todo (Fig. 6); e de processos simbólicos, quando se identifica a presença de elementos atribuindo ou sugerindo valores simbólicos ao texto multimodal em parte ou no todo (Fig. 7).

**Figura 5.** Processo classificacional implícito



Fonte: Unsplash.

**Figura 6.** Processo analítico



Fonte: Unsplash.

**Figura 7.** Processo simbólico sugestivo



Fonte: Unsplash.

Tendo descrito e ilustrado as categorias de análises básicas da metafunção de representação da gramática do design visual, seguimos, agora, para a apresentação dos principais conceitos para se discutir os discursos que permeiam os textos multimodais.

O principal objetivo da Análise Crítica do Discurso (ACD) é descrever, desconstruir, problematizar e repensar questões que geram desigualdade social em diferentes manifestações discursivas a partir de relações de poder desiguais. Tais questões, em geral, dizem respeito a relações de dominação, de opressão, de manipulação, de discriminação, e de abuso de poder. Deste modo, a ACD procura expor e problematizar as ideologias dos/as produtores/as de discursos a partir de suas práticas discursivas para, então, propor reflexões sobre e alternativas para essas desigualdades com vistas a promover mudança social.

Nesse pressuposto, a crença de que existe uma relação intrínseca entre discurso e estrutura social fortalece a ideia de que o discurso se relaciona às formas de poder (Fairclough, 2015[1989]) e às formas de continuidade ou mudança social (Fairclough, 1992). Sendo assim, o discurso não é neutro, já que, ao se interligar às estruturas sociais, vincula o comportamento linguístico à ideologia. Em outras palavras, a ACD “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 225).

Como uma das formas de se fazer ACD, Fairclough (2015[1989], 1995) propõe um modelo tridimensional (Fig. 8), com caráter tanto teórico quanto metodológico, que nos permite descrever as construções discursivas por meio de três esferas inter-relacionadas: texto, práticas discursivas, e práticas sociais.

**Figura 8.** Modelo tridimensional Fairclough



Fonte: Meurer (2005, p. 95).

De maneira mais didática, Meurer (2005) esclarece que, para fazer ACD, o/a analista precisa articular o evento discursivo (texto) com suas respectivas práticas discursivas em associação com as práticas sociais nas quais se inserem. Na dimensão mais interna desse modelo, é no texto, entendido como evento discursivo, onde devemos fazer descrição linguística, com vistas a considerações sobre o léxico, a gramática, os processos de coesão, e a estrutura organizacional do texto como um todo. Esse nível de análise é o primeiro a ser abordado nas análises neste artigo, no qual fazemos, especialmente, a análise multimodal com base na GDV, considerando também questões relativas à linguagem verbal ao destacarmos usos relevantes de vocabulário, por exemplo, para representar o trabalho e os/as trabalhadores/as durante a pandemia.

Quanto às práticas discursivas, temos a interpretação do evento discursivo quanto a sua produção, distribuição e consumo, discutindo-se questões como força ilocucionária, coerência, intertextualidade e interdiscursividade. Nesse nível, interessa ao/a analista descobrir (e incluir nas análises) informações sobre quem produziu o texto, para quem, quando, onde, por que, além de considerar como os enunciados do texto se relacionam com outros textos e com outros discursos. Percebe-se, assim, que há uma amplificação da análise para além do texto (evento discursivo) em si.

A partir das práticas sociais, por sua vez, como dimensão mais ampla, pretende-se explicar e revelar ideologias e relações de poder que o permeiam. É necessário que consideremos as questões que vão além do nível textual, e que, de certa forma, orientam as práticas discursivas, quando queremos discutir relações de poder estabelecidas pelos discursos. Em termos gerais, portanto, com base nos dados

obtidos pela análise multimodal no nível textual, também deve haver a discussão das práticas discursivas associadas aos textos, além de se revelar, discutir e problematizar as implicações ideológicas dos discursos, as relações de poder e as identidades estabelecidas por meio das práticas sociais nas quais estão inseridos.

Para complementar essa seção teórica, especialmente tendo em vista o objetivo principal de discutir representações dos/as trabalhadores/as e de suas relações com o trabalho na pandemia de COVID-19, também é importante considerarmos as diversas maneiras que os indivíduos são constituídos na teia social a partir de marcadores sociais da diferença particulares, em contextos localizados e em processos históricos específicos.

Nesse sentido, o aspecto da interseccionalidade na compreensão e na discussão de questões sociais, culturais e identitárias assume destacada relevância. A origem do termo remete ao movimento iniciado no final dos anos de 1970 conhecido como *Black Feminism* (DAVIS, 1981; COLLINS, 1990; DORLIN, 2007), cuja crítica coletiva se voltou de maneira radical contra o feminismo branco, de classe média, heteronormativo. Segundo Akotirene (2019), Crenshaw usou o termo interseccionalidade pela primeira vez em 1989, no artigo *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*, resgatando-o, em 1991, em sua obra *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor*.

A interseccionalidade é uma proposta para “levar em conta as múltiplas fontes da identidade”, embora não tenha a pretensão de “propor uma nova teoria globalizante da identidade” (HIRATA, 2014, p. 61), tendo surgido como resposta ao insucesso do feminismo da época em amparar mulheres negras, já que reproduz(ia) o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferecendo ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2018).

A interseccionalidade é, ademais, uma forma de entender e de analisar a complexidade do mundo nas pessoas e nas experiências humanas, visto que os eventos e características das condições sociais e da vida política e pessoal raramente podem ser compreendidos a partir de um único fator, sendo geralmente moldados por muitos fatores de maneiras diversas e mutuamente determinantes, tais como raça, gênero, e classe (COLLINS; BILGE, 2016). Discussões interseccionais, como práticas analíticas politicamente comprometidas e localizadas nos âmbitos social, cultural, econômico e histórico, viabilizam olhares mais atentos para que se compreenda as complexidades que perpassam as relações pessoais e sociais na contemporaneidade.

Essa questão é essencial para a análise crítica do texto multimodal das *webcomics* neste contexto pandêmico, visto que a questão do trabalho não é atravessada apenas por aspectos de classe social, mas

também de raça e de gênero, por exemplo, uma vez que o isolamento social afeta diferentemente pessoas brancas e negras, homens e mulheres, ricos e pobres. Apesar de não terem sido tratadas nas *webcomics* analisadas neste artigo, consideramos importante atentar para o fato de que a pandemia de COVID-19 tem afetado de maneira marcadamente violenta as pessoas em situação de rua (LIMA, 2021), bem como as travestis e pessoas trans, como parte da comunidade LGBTQIA+, especialmente quando consideramos que o Brasil continua ocupando “o 1º lugar no ranking dos assassinatos de pessoas trans no mundo, com números que se mantiveram acima da média” (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021, p. 7).

Com base nos conceitos, e nas categorias de análise descritas, descrevemos e discutimos as representações do trabalho e dos/as trabalhadores/as nas *webcomics* selecionadas no intuito de entender a sua relevância social nos dias de hoje, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19. A seguir, iniciamos as análises de forma a articular os sentidos construídos pelas imagens e pelos textos verbais das *webcomics*, dando destaque, também, para os sentidos construídos pelos dois sistemas semióticos, em conjunto, sobre os temas escolhidos como foco desta investigação multimodal.

### **5. O que as *webcomics* nos dizem sobre o trabalho e os/as trabalhadores/as na pandemia de COVID-19: relações em intersecções de raça, classe e gênero**

Inicialmente, para que conheçamos e celebremos a pluralidade de culturas, é preciso que a diversidade de identidades encontre espaços de representação em diferentes línguas e linguagens multimidiáticas (BARBERO, 2006). Nesse sentido, o autor destaca que “falar de identidade hoje implica também – se não quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada de mutações perceptivas e expressivas do presente – falar de migração e mobilidade, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez” (p. 61).

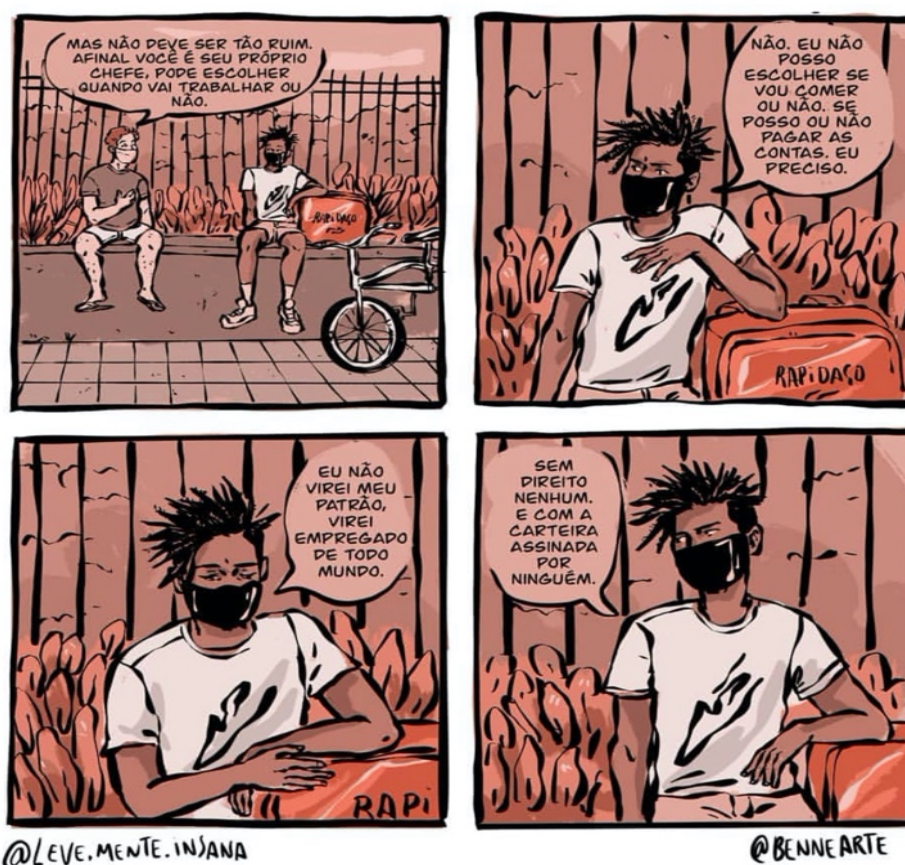
Tendo em vista o contexto da pandemia, muitos/as autores/as de *webcomics* decidiram criar representações de sujeitos em sociedade para abordar as implicações do isolamento social como mote para suas narrativas e críticas sociais. Por serem compartilhadas nas redes sociais, seu alcance é imensurável, visto que o Brasil “é o segundo país no ranking de utilização das redes, perdendo apenas para Filipinas. No último ano, **10 milhões de novos usuários brasileiros** ingressaram neste tipo de site, um aumento de 8% em relação ao ano anterior” (BUENO, 2020, s/p, grifos da autora).

A primeira *webcomic* (Fig. 9), de Bennê Arte, apresenta uma representação narrativa sequencial, com quatro requadros e dois personagens. No primeiro requadro, é importante atentarmos para a ação do

jovem branco, representada pelo balão de fala, direcionada ao jovem negro<sup>10</sup>, que tem uma bicicleta próxima de si e uma mochila térmica de entrega onde apoia seu braço esquerdo. Nesse texto verbal, no que parece ser a continuação de uma conversa entre os dois, o jovem branco (Reator, e Dizente), ao olhar, e falar com, o outro participante da representação (Fenômeno, e Receptor), em um processo de reação transacional unidirecional, argumenta (processo verbal) que o trabalho de entregador “não deve ser tão ruim” (Enunciado), pois ele pode “escolher quando vai trabalhar ou não” (Enunciado).

Esse início de diálogo parece já indicar uma ideologia ligada ao empreendedorismo, à autonomia na economia neoliberal, que supõe que todas as pessoas podem ser donas de si próprias, especialmente quando se fala do mercado de trabalho e da produção de renda. Essa crença e esses valores, certamente, não encontram respaldo em contexto nacional de grandes desigualdades de acesso à educação, aos serviços básicos de saúde e à segurança pública.

Figura 39. Bennê Arte



Fonte: Instagram @bennearte.

<sup>10</sup> No Brasil, desde o Censo de 1991, o IBGE tem adotado o critério da autoclassificação segundo raça/cor da pele em cinco categorias: branco, preto, pardo, indígena e amarelo. Nesse universo, convencionou-se denominar de população negra o somatório de pessoas pretas e pardas (OSÓRIO, 2003).

Nos próximos três requadros, cada um apresentando um processo verbal diferente, vemos apenas o jovem negro (Dizente), possivelmente para que o/a leitor/a foque sua atenção no que ele está dizendo (Enunciado) e nas suas expressões facial e corporal – quando já é possível inferir que o outro participante (Receptor) permanece a seu lado.

Primeiramente, o jovem negro, em contra-argumento, destaca que não pode “escolher se v[ai] comer ou não”, nem se “po[de] ou não pagar as contas”. Em continuação, em outro requadro, olhando para baixo em clara expressão de tristeza, ele afirma que “não vir[ou] [s]eu patrão”, ao contrário “vir[ou] empregado de todo mundo”. Por fim, acrescenta que, para piorar sua situação, não tem direitos assegurados por não ter carteira de trabalho assinada. Em dois desses requadros, podemos inferir que o jovem negro (Reator) está olhando para o jovem branco (Fenômeno), caracterizando, assim, processos reacionais não transacionais.

Quanto às representações conceituais, notamos os seguintes processos simbólicos: as máscaras de proteção, representando, de maneira sugestiva, a pandemia; e a mochila térmica de entrega e a bicicleta, atribuindo características específicas a um dos participantes de modo que possamos identificá-lo como aquele que desempenha o trabalho de entregador, talvez ainda marcando de maneira mais acentuada sua situação econômica desfavorável pelo fato de não fazer as entregas de moto.

Vale destacar, ainda, que no terceiro requadro, podemos associar o nome que aparece na mochila (RAPI), por meio de um processo analítico (apenas parte do nome), com um dos mais conhecidos aplicativos de entrega de comidas, o Rappi. Tal associação é feita, contudo, de maneira que não haja confirmação total, pois víamos, no segundo requadro, o nome completo (RAPIDAÇO), mesmo a cor da mochila sendo a mesma da utilizada pelos/as entregadores/as do Rappi.

Considerando aspectos das práticas discursivas, destacamos que a autora da *webcomic*, Bennê Oliveira, é uma quadrinista pernambucana, que usa sua página *Leve Mente Insana*, no Facebook e no Instagram (onde tem quase 9 mil seguidores/as), para compartilhar sua arte, por meio da qual aborda diversos temas, sendo o racismo e a negritude no Brasil os principais.

Vejamos, ademais, que o jovem negro tem cabelo com *dreadlocks*, estilo que implica força representativa na preservação e promoção das identidades negra e da visibilização de suas culturas. Em termos das práticas sociais nas quais esses textos se inserem, essa escolha de representação parece se alinhar, de maneira coerente, com a ênfase da autora em questões raciais, especialmente importante ao abordar a questão do trabalho durante a pandemia em um país com tantas desigualdades sociais, que afetam, de maneira particularmente cruel, a população negra. Isso se dá especialmente por meio de um conjunto de estruturas de opressão a partir de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais que frequentemente segregam grupos sociais mais vulneráveis (ALMEIDA, 2019).

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pela Agência IBGE Notícias (2020), o trabalho informal atingiu o equivalente a 30,7 milhões de pessoas no segundo trimestre de 2020, correspondendo a uma taxa de informalidade de 37,4% da população ocupada, sendo considerados informais os/as trabalhadores/as sem carteira, trabalhadores/as domésticos/as sem carteira, empregadores/as sem CNPJ, trabalhadores/as por conta própria e trabalhadores/as familiares auxiliares.

Com efeito, considerando-se apenas a população negra, os dados obtidos por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios no âmbito da pandemia (PNAD COVID-19), desenvolvida pelo IBGE (2020), evidenciam que a taxa de desocupação estimada foi superior, passando de 10,7% (homens) e 13,8% (mulheres) para, respectivamente, 12,7% e 17,6%. Sendo assim, a informalidade nas relações de trabalho incidiu majoritariamente sobre a população negra, e ainda mais sobre as mulheres negras. Nesse sentido, Barbosa, Costa e Hecksher (2020, p. 61) relatam o seguinte:

Os mais afetados em termos de perda de ocupação foram as mulheres, os mais jovens, os pretos e os com menor nível de escolaridade. No que diz respeito aos postos de trabalho, destacam-se os trabalhadores com jornada parcial, informais e com menores salários entre os que tiveram perdas significativas. Tais resultados são corroborados pela evidência internacional sobre os efeitos da crise da pandemia da Covid-19 sobre o mercado de trabalho.

Diante dessas estatísticas, evidencia-se, mais uma vez, a cruel realidade nacional de que as “múltiplas e interseccionais desigualdades que pesam sobre a população negra têm se apresentado de modo intenso e se agravado durante esse tempo de pandemia” (SILVA, 2020, p. 13).



Figura 10.4 Helô D'Angelo



Fonte: Instagram @helodangeloarte.

Formada em Jornalismo, Helô D'Angelo trabalha como ilustradora e quadrinista. Com página no Instagram seguida por mais de 150 mil usuários/as, ela ainda produz uma websérie sobre a quarentena chamada *Isolamento*. Em sua *webcomic* (Fig. 10), temos um único requadro, onde podemos ver um cenário que remete a um bairro de classe média de uma cidade grande, tendo em vista os prédios ao fundo. Os detalhes da casa sugerem se tratar de uma moradia mais cara, onde possivelmente moram pessoas mais privilegiadas em termos socioeconômicos.

Em termos conceituais, vemos processos simbólicos atributivos: as palavras *Chic 17* acima da porta da residência, e *top* na camiseta do rapaz, indicando seu status social e, talvez, seu alinhamento à direita no campo político-econômico, visto que esse foi o número de candidatura do atual presidente do Brasil; e a mochila térmica de entrega e a bicicleta (assim como na Fig. 9) identificando o jovem da direita como entregador de classe social marcadamente desfavorecida, além de sua máscara, que cria mais um fator de distinção entre os dois atores sociais representados, visto que aquele que recebe o pedido em sua casa não a usa.

O homem saindo da casa (Ator) estende o braço na direção da sacola (Meta), em um processo de ação transacional, que está sendo entregue (Meta), em outro processo de ação transacional, pelo outro jovem (Ator) representado na cena, que está segurando (Ator) sua bicicleta (Meta) e uma mochila térmica de entrega (Meta) nas costas (processos acionais transacionais). Assim como na Fig. 9, a

bicicleta e a mochila também constituem processos simbólicos atributivos, em representação conceitual, que identificam o jovem da direita como entregador. Há processo verbal partindo do cliente (Dizente), que questiona o entregador (Receptor) se “não dá mesmo para [ele] fazer *home office*” (Enunciado), já que o “mundo inteiro tá em quarentena” (Enunciado).

Assim como Bennê Arte, a quadrinista Helô D’Angelo, levando em consideração opressões interseccionais, representou duas pessoas com raça e classe social distintas com o intuito de ilustrar como a pandemia atinge a população diferentemente. Vemos, dessa maneira, a ironia na fala do jovem branco, marcado por suas crenças ideológicas, e sinalizando contextos de relações de poder muito assimétricas, ao sugerir que o rapaz negro faça *home office*, pois tem sido a população negra a que mais tem sofrido com falta de trabalho formal, frequentemente sem possibilidade de desenvolver sequer parte de suas atividades de maneira remota (SILVA, 2020).

Percebemos, até esse ponto, que diferenças de raça e de classe social têm sido marcantes na intensificação da maneira como indivíduos têm experienciado o impacto das demandas produzidas e das mudanças provocadas pela pandemia de COVID-19 em nosso país. Nessas *webcomics*, tem sido destacado o fato de que os/as trabalhadores/as informais que entregam comida e encomendas em domicílio, ao desenvolverem trabalho essencial em tempos de isolamento social, acabam se expondo a riscos maiores, como na situação representada em que o cliente não usa máscara para receber o pedido e falar com o entregador.

Essa situação se agrava quando consideramos que esses/as trabalhadores/as, em sua maioria, compõem grupos sociais mais vulneráveis, que, caso sejam acometidos pela doença, também tendem a vivenciar maior dificuldade de tratamento, dadas as restrições econômicas para o acesso aos serviços de saúde, como a falta de plano de saúde, a dificuldade de obter medicamentos, cuidados, etc. (SILVA, 2020).

Nesse contexto, o Governo Federal implementou o chamado Auxílio Emergencial<sup>11</sup> (AE), como forma de minimizar os efeitos da pandemia na sociedade, mas, principalmente, na economia, amenizando, inicialmente, mesmo de maneira deficiente, a perda do poder de compra do/a trabalhador/a. No entanto, ainda que necessária, tal medida não foi suficiente para suprir as necessidades básicas de parte da população para que pudessem aderir ao isolamento social necessário para a contenção do avanço da COVID-19, uma vez que, dos 29,4 milhões de domicílios beneficiados diretamente pelo auxílio

---

<sup>11</sup> O Governo Federal, por meio da Lei nº 13.982 de 2 de abril de 2020, instituiu os parâmetros de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade para recebimento desse benefício durante a pandemia de COVID-19. O Auxílio Emergencial é um benefício financeiro, destinado a trabalhadores/as informais, microempreendedores/as individuais (MEI), autônomos/as e desempregados/as, no valor de R\$600,00, podendo chegar a R\$1.200,00 no caso de famílias em que a mulher seja a única responsável pelas despesas da casa (BRASIL, 2020) (MONTE, 2020).

(MONTE, 2020), apenas 6,2% (cerca de 4,25 milhões) conseguiam se manter unicamente com o AE em agosto de 2020 (CARVALHO, 2020).

Com efeito, o grupo dos/as trabalhadores/as considerados/as essenciais, sobretudo nos setores de serviços, de alimentação e de saúde, é composto por muitas pessoas negras, notadamente nas atividades operacionais e de menor remuneração. Sendo assim, além de vivenciarem as consequências de vínculos empregatícios precários, também reúnem menos recursos materiais para se protegerem da COVID-19, dadas as condições de habitação ou o uso intensivo de transporte público (SILVA, 2020).

**Figura 5** Ana Carolina Silva



**Fonte:** Instagram @expressaoeliberdade.

O quadrinho de Ana Carolina Silva (Fig. 11) apresenta um *layout* com dois requadros, estabelecendo uma ideia de antes e depois. Apesar de não ser o foco deste artigo, podemos acrescentar que esse padrão de passagem de tempo também é descrito na gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (2006) em termos *composicionais*, segundo a qual, como padrão, o que já é conhecido é posicionado na esquerda da imagem, ao passo que a informação nova é encontrada do lado direito. Além disso, também quanto à composição, em termos de enquadramento, a ausência de moldura destacada, típica dos quadrinhos, pode sugerir uma maior conexão entre eles.

No primeiro requadro, vemos a participante representada (Ator), em seu primeiro dia de trabalho em casa (vide texto verbal), segurando uma xícara (Meta), envolvida em processo de ação transacional. Está sentada à mesa, sobre a qual podem ser vistos computador portátil, caderno, papéis e caneta, todos

dispostos de maneira organizada, apontando, em termos conceituais, a existência de um processo analítico – precisamente para imprimir a ideia de controle e organização que talvez ainda pudesse ser esperada no início da pandemia.

Com uma janela, ornada por um cacto saudável na contraverga, como plano de fundo, a mulher tem expressões faciais (especialmente sorriso e olhos) que sugerem um estado mental de tranquilidade e satisfação – caracterizando um processo simbólico atributivo, em termos conceituais. Além disso, diante do fato de que sua roupa está limpa, seu rosto está corado, seu cabelo limpo e bem penteado, destacando partes constituintes da imagem da mulher (processo analítico), há a ocorrência de processo simbólico sugestivo, pois essas características, tomadas em conjunto, contribuem para sugerir um estado de ordem e controle no início do isolamento social.

É certo, contudo, que essa possibilidade de controle, de organização, em trabalho remoto, não está disponível para todos/as os/as cidadãos/ãs, o que já aponta para questões de práticas sociais que marcam relações bastante desiguais entre grupos sociais, marcadamente por aspectos de classe social e de raça.

Já o segundo requadro apresenta o “depois”, onde vemos a participante representada (Ator), já tendo trabalhado seis meses de maneira remota (vide texto verbal), segurando uma xícara (Meta) novamente (processo de ação transacional), com olheiras profundas e olhos fixos e diminuídos, indicando sono comprometido, por meio de um processo simbólico atributivo, em termos conceituais. Com cabelos despenteados e sujos, e apenas parcialmente vestida, a mulher está sentada à mesa de trabalho, agora bagunçada, tendo a mesma janela como plano de fundo, contudo podemos ver que o cacto já não está mais saudável – apresentando paralelo conceitual com a imagem da mulher, por meio de processos simbólicos sugestivos da passagem de tempo e da piora da qualidade de vida, com a imagem também mostrando que ela engordou (processo analítico), possivelmente pela falta de exercícios físicos, associada a má alimentação.

Em termos de práticas discursivas, vale informar que a autora desta *webcomic*, nascida em São Luís (MA), 24 anos, e estudante de Design em São Paulo, decidiu aprender a fazer desenhos digitais durante a pandemia, começando, então, a criar e compartilhar suas *webcomics*, sobre seu cotidiano e sua experiência com o trabalho remoto, com o público *online* por meio das redes sociais. Percebemos, portanto, que seu público principal são usuários das redes sociais, mais especificamente o Instagram, para quem ela fala sobre realidades que lhes são muito próximas, permitindo, dessa maneira, que possamos acessar práticas discursivas mais acentuadamente marcadas por suas experiências pessoais.

Essa questão nos revela, também, que as reflexões que propõe a partir de sua arte, como esperado, são marcadas por suas crenças, por seus valores, e por aspectos de sua subjetividade como

mulher nordestina migrante com seus desafios particulares ao decidir morar em São Paulo, cidade marcada pela velocidade do cotidiano, e pelas demandas potencializadas em mercado de trabalho altamente competitivo.

Em termos gerais, o comparativo da personagem nesta *webcomic* representa as milhares de pessoas que precisam (e podem) trabalhar de casa durante esse tempo de estresse, medo e incerteza causado pela COVID-19. A falta de segurança gerada, ou intensificada, pela pandemia e pelas frágeis relações que compõem o mercado de trabalho tem evidenciado a instabilidade das relações institucionais.

Além do risco de contaminação e do adoecimento físico, e da falta de estabilidade no emprego, os/as trabalhadores/as, para desenvolver suas atividades de forma remota, quando lhes é possibilitado, dependem do acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em contexto de isolamento social – habilidade esta que, muitas vezes, não apresentam de maneira suficiente, gerando, assim, estresse adicional pela busca de treinamento adicional para sua utilização competente. Soma-se a esse cenário a pressão pelo aumento (ou, pelo menos, manutenção) dos níveis de produtividade que acabam conduzindo ao esgotamento físico, mental e emocional.

Por fim, é importante destacar que a participante representada em *home office* é branca. Mesmo sendo evidente que para inúmeros/as trabalhadores/as brancos/as o trabalho remoto não é uma possibilidade real, essa *webcomic* procura representar aspectos da realidade brasileira na qual a maioria dos/as trabalhadores/as em posição de privilégio socioeconômico não são negros/as. O fato de a participante representada ter engordado durante o período de isolamento social também revela que não lhe faltou alimento, visto que sua renda mensal para subsistência não parece ter sido comprometida.

Figura 12.6 Pietro Soldi



Fonte: Instagram @pietrosoldi.

A *webcomic* de Pietro Soldi (Fig. 12) inicia com a pergunta “Por que amo trabalhar de casa?”, cujas respostas são apresentadas nos três requadros seguintes por personagens/narradores/as diferentes em suas respectivas casas. O texto multimodal é apresentado, em termos composicionais, com molduras mais destacadas, e até separadas, possivelmente sugerindo menor conexão seus elementos já que não se trata de uma narrativa sequencial cronológica.

No segundo quadro, em termos conceituais, vemos um processo analítico, pois está representado um homem (o narrador) em pé vestindo apenas cueca, criando, assim, uma imagem que chama nossa atenção para características particulares do que é representado a partir da relação das partes com o todo. Em termos narrativos, esse homem (Ator) está segurando um computador portátil (Meta), envolvido em processo de ação transacional, enquanto a mulher (Ator), sentada à mesa, é representada utilizando seu *laptop* (Meta), caracterizando outro processo de ação transacional. Ele e ela (Reatores, e Fenômenos, simultaneamente) e se entreolham, caracterizando dois processos de reação transacional bidirecional.

Na parte de cima do requadro, o homem (Dizente), na função de narrador, apresenta, para o/a leitor/a (Receptor), o motivo por que ama trabalhar de casa ao afirmar que “pass[a] o dia usando roupas

confortáveis” (Enunciado). Como narrador, consideramos que essas partes dos requadros em que apresenta as respostas à pergunta inicial podem ser descritas como processos verbais, visto que representam a voz da narração. Além disso, também identificamos outro processo verbal, dessa vez partindo da mulher (Dizente), que questiona Augusto (Receptor), provavelmente seu marido, sobre a possibilidade de ele “ao menos colocar uma cueca limpa” (Enunciado).

No terceiro requadro, em um processo verbal, a mulher (Dizente), também como narradora, informa, ao/à leitor/a (Receptor), que o motivo que explica por que ama trabalhar de maneira remota é a possibilidade de “aproveitar mais os [s]eus filhos” (Enunciado). Essa informação é ironizada, contudo, quando ela (Reator, e Dizente), ao olhar provavelmente para um/a dos/as filhos/as (Fenômeno, e Receptor), em processo de reação não transacional, ordena (processo verbal), de maneira irritada, que desça “da geladeira agora ou [ela] v[ai] sair pelada na rua de novo” (Enunciado). Como resposta, o/a filho/a (Dizente), ausente da imagem, responde (processo verbal) o seguinte: “Não mãe. Por favor, tô descendo!” (Enunciado). Há destaque, nesse quadro, por meio do humor, para o conhecido, e não superado, problema da mulher sobrecarregada com filhos/as e trabalho durante a quarentena.

Quanto às práticas discursivas, no tocante a informações de produção, distribuição e consumo do texto em análise, vale ressaltar que Pietro Soldi é um ilustrador e quadrinista brasileiro que vive em Londres, com página no Instagram seguida por mais de 23 mil usuários. Nela, ele posta suas *webcomics* bem humoradas abordando assuntos variados, tais como: política, economia, relacionamentos e situações do cotidiano.

No último requadro, o homem (Dizente), como narrador, apresenta, ao/à leitor (Receptor), como motivo para sua satisfação em trabalhar de casa o fato de que não será mais necessário ele se “esconder no banheiro para chorar” (Enunciado), indicando que seu contexto de trabalho presencial também não era saudável. Em termos narrativos, reafirmando essa questão, vemos uma mulher (Dizente) questionando (processo verbal) Sidney (Receptor), provavelmente seu marido, sobre ele estar “[o]utra vez chorando em reunião” (Enunciado). Em resposta a ela (Receptor), Sidney (Dizente) comenta (processo verbal) que essa reunião, pelo menos, “não tem vídeo...” (Enunciado).

Soldi, apesar de ter abordado o tema de forma bem humorada, consegue fazer uma crítica a esse modelo de trabalho e à sociedade em geral, especialmente em tempos de isolamento social, quando não nos é permitido sequer expressar nossos sentimentos de maneira sincera e sem constrangimentos. Vemos, assim, como esses textos multimodais viabilizam a articulação de variados recursos semióticos, a partir de suas potencialidades particulares, no sentido de apontar questões sociais complexas, que merecem nossa atenção, especialmente por nos afetar, direta ou indiretamente, em contextos atravessados por relações assimétricas de poder, e por ideologias hegemônicas que parecem buscar

manter o ser humano como pilar de uma lógica de produção de bens, de produtos e de serviços, em detrimento de sua saúde mental, emocional, e até mesmo espiritual.

Por fim gostaríamos de ressaltar, a partir de nossas análises, que as quatro *webcomics* analisadas também nos convidam a refletir sobre a questão do racismo, pois os/as trabalhadores/as que puderam manter seus trabalhos em sistema de *home office* são brancos/as, ao passo que aqueles/as que tiveram que continuar nas ruas, até mesmo assumindo novas atividades, são negros/as. Temos consciência que esses quatro textos multimodais representam apenas pequena parcela daqueles disponíveis nas redes sociais; contudo, as pesquisas e os dados estatísticos oficiais e extra oficiais têm confirmado essa situação de desigualdade racial em nosso país quando o assunto é a manutenção do trabalho em condições de segurança durante a pandemia de COVID-19.

Segundo Moreira (2019), o racismo não pode ser identificado exclusivamente com concepções tradicionais de discriminação fundamentadas na pressuposição de que a exclusão decorre apenas de atos intencionais e arbitrários, em razão da sua natureza dinâmica e múltipla. O racismo pode, na verdade, assumir diversas formas e variados matizes em diferentes lugares e momentos históricos, visando, em geral, preservar e legitimar um sistema de privilégios raciais em detrimento de parte da população mais vulnerável.

### **Considerações Finais**

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar criticamente o discurso multimodal de *webcomics*, veiculadas nas redes sociais, que abordam o trabalho na pandemia de COVID-19 como tema principal, levando em conta questões interseccionais.

Durante as análises, evidenciou-se que os diferentes recursos semióticos (p. ex. ilustrações, texto verbal, cores, e estilo tipográfico) são estruturados segundo propósitos comunicativos específicos, sendo extensivamente explorados nesse gênero textual, ao veicular significados de maneira que favorece a interação do/a leitor/a com a composição multimodal. Tendo em vista os objetivos específicos desta investigação, apresentamos algumas conclusões.

Todas as *webcomics* analisadas mostram as fragilidades não só das pessoas em meio a uma pandemia, mas do trabalho remoto em si, que, apesar de possuir vantagens e desvantagens, teve principalmente as desvantagens evidenciadas nos textos analisados. Alguns quadrinhos mostraram dificuldades relacionadas ao estresse, à concentração, ao cuidado dos/as filhos/as e da casa. Além do uso comum de humor e ironia, também foram identificadas representações de modalidade mais realista para impactar o/a leitor/a de forma mais acentuada (e.g. Fig. 9).



Ademais, por meio de críticas interseccionais, destacamos fragilidades relacionadas ao trabalho, vivenciadas, majoritariamente, pelos grupos mais vulneráveis, como negros/as, trabalhadores/as informais, trabalhadores/as em situações precárias, e pessoas de classe social baixa. Esse contexto de graves desigualdades faz com que essas pessoas sejam mais suscetíveis a serem infectadas por estarem em situação de vulnerabilidade social e, conseqüentemente, não conseguirem cumprir as medidas necessárias à sua prevenção descritas pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2020, p. 2), tais como “a recomendação de manter o isolamento social, num esforço de achatamento da curva de propagação do coronavírus, até que evidências epidemiológicas robustas recomendem a sua alteração”.

Por fim, considerando a importância de se desenvolver a competência comunicativa multimodal, associada a uma ampliação da própria noção de texto, entendemos que ler e interpretar sentidos produzidos também pelas imagens, de maneiras particulares, é indispensável para uma participação mais efetiva e crítica em sociedade. Essa questão assume destacada relevância quando compreendemos que ideias, valores e crenças sobre questões sociais complexas, e sobre questões identitárias, circulam por meio desses textos multimodais, com os quais temos que interagir a fim de nos posicionarmos de maneira mais consciente e socialmente responsável.

Portanto, gostaríamos de sinalizar o determinante papel dos/as professores/as no sentido de desenvolver um trabalho eficiente com os multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2015) em seus contextos de trabalho, especialmente considerando as crescentes demandas da sociedade contemporânea. Para tanto, em termos didáticos, é importante promovermos práticas de leitura e de produção de textos que explorem as experiências prévias dos/as alunos/as, que lhes permitam aprender novos conceitos para desenvolver análises multimodais competentes, e que, ademais, possibilitem práticas de resignificação das experiências em sociedade com base nos novos conhecimentos adquiridos e nas novas competências desenvolvidas.

No entanto, também devemos destacar a importância da existirem políticas públicas que favoreçam esse trabalho docente qualificado, visto que não nos parece correto que sejam apresentadas essas demandas a professores/as e alunos/as sem que lhes sejam viabilizadas condições adequadas para o desenvolvimento de ações de formação profissional (inicial e continuada) e de experiências de ensino-aprendizagem nos contextos educacionais formais e/ou não formais. Dessa maneira, evidenciamos que o compromisso em desenvolver condições legais, estruturais, administrativas, metodológicas e sociais que promovam uma educação transformadora na sociedade contemporânea deve ser compartilhado entre os diversos agentes envolvidos neste processo, desde os/as legisladores/as e governantes até os familiares e a comunidade em geral.

Nesse sentido, acreditamos que práticas docentes, e investigativas, que associem conhecimentos teórico-metodológicos da área de multimodalidade e da análise crítica do discurso, aliadas a reflexões sobre questões interseccionais, como esperamos ter demonstrado neste artigo, podem apontar para caminhos bastante propositivos tendo em vista o objetivo mais amplo de criar, manter e desenvolver relações mais equânimes nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais em nosso país.

## Referências

- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 13,8% e taxa de subutilização é de 30,1% no trimestre encerrado em julho de 2020. **Estatísticas Sociais**. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28998-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-13-8-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-30-1-no-trimestre-encerrado-em-julho-de-2020>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARBOSA, Ana Luíza; COSTA, Joana; HECKSHER, Marcos. Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes? **Mercado de Trabalho**, n. 69, p. 55-63, 2020.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara (org.) **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BEZERRA, Fábio. Relato de um projeto de multiletramentos na licenciatura de língua inglesa: da prática situada à prática transformada. **Revista Travessias Interativas**, v. 16, n. 2, p. 68–85, 2018.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality**. Cambridge: Polity, 2016.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Instrumentos de coleta. **PNAD COVID-19**. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- BUENO, Mariana. As redes sociais mais usadas em 2020: as 20 tendências que você não pode ignorar. **Alaska Marketing Digital**. 2020. Disponível em: <https://marketingconteudo.com/as-redes-sociais-mais-usadas-em-2020>. Acesso em: 02 nov. 2020.
- CARDOSO, José; DOMINGOS, Ana Cláudia. Webcomic e hiperleitura. **Esferas**, n. 9, 2017.
- CARNEIRO, Leonardo de Andrade; RODRIGUES, Waldecy; FRANÇA, George; PRATA, David Nadler. Use of technologies in Brazilian public higher education in times of pandemic COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 8, p. 1-18, 2020.
- CARVALHO, Sandro. Os efeitos da pandemia sobre os rendimentos do trabalho e o impacto do auxílio emergencial: os resultados dos microdados da PNAD Covid-19 de agosto. **Carta da Conjuntura**, IPEA, n. 48, set. 2020.
- CNS – Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Governo Federal. **Recomendação nº 027**, de 22 de abril de 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1132-recomendacao-n-027-de-22-de-abril-de-2020>. Acesso em: 08 dez. 2020.
- COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. The things you do to know: an introduction to the pedagogy of multiliteracies. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (org.) **A pedagogy of multiliteracies: learning by design**. Hampshire, Nova York: Macmillan, 2015. p. 1-36.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.
- EISNER, Will. **Comics & sequential art**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1999.

- EISNER, Will. **Narrativas gráficas**: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. São Paulo: Devir, 2008.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**. Londres: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. 3 ed. Londres: Longman, 2015[1989].
- GALHARDI, Cláudia; FREIRE, Neyson; MINAYO, Maria Cecília; FAGUNDES, Maria Clara. Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25 (supl. 2), p. 4201-4210, 2020.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. Londres: Arnold, 2004.
- HASHTAG. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hashtag>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- HERBELE, Viviane. Multimodal literacy for teenage EFL students. **Cadernos de Letras (UFRJ)**, n. 27, p. 101-116, 2010.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional por amostra de domicílios - PNAD COVID19. **Estatísticas**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/investigacoes-experimentais/estatisticas-experimentais/2988-np-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-pnad-covid19/27947-divulgacao-mensal-pnadcovid2.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- KANTAR. **COVID-19 barometer**: consumer attitudes, media habits and expectations. 2020. Disponível em: <https://www.kantar.com/north-america/inspiration/coronavirus/covid-19-barometer-consumer-attitudes-media-habits-and-expectations>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2 ed. London: Routledge, 2006.
- LIMA, Mariana. Pandemia evidenciou a vulnerabilidade de quem vive em situação de rua. **Observatório do 3º Setor**, Redação, Geral, Notícias. 2021. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/pandemia-evidenciou-a-vulnerabilidade-de-quem-vive-em-situacao-de-rua>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- MEURER, José Luiz. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (org.) **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 81-106.
- MINGHUI, Ren; SIMAO, Mariangela; MIKKELSEN, Bente; KESTEL, Dévora; BALL, Andrew; SZILAGYI, Zsófia. Gaps in access to essential medicines and health products for noncommunicable diseases and mental health conditions. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 98, n. 9, p. 582-582A, 2020.
- MONTE, Paulo Aguiar. Auxílio emergencial e seu impacto na redução da desigualdade e pobreza. In: XXV Encontro Regional de Economia, 25., 2020. **Anais...** Niterói: ANPEC, 2020, p. 1-18. Disponível em: [http://www.anpec.org.br/nordeste/2020/submissao/arquivos\\_identificados/105-1c9403577ef3d3dd8fa1ad114b268474.pdf](http://www.anpec.org.br/nordeste/2020/submissao/arquivos_identificados/105-1c9403577ef3d3dd8fa1ad114b268474.pdf). Acesso em: 14 nov. 2020.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- MUNIZ, Ila. As possibilidades narrativas das webcomics. In: JORNADAS INTERNACIONAIS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 4., 2017. **Anais...** São Paulo: USP, 2017, p. 1-12. Disponível em:

[http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/artigos.php?artigo=q\\_midia/ila\\_mascarenhas\\_muniz.pdf](http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais4asjornadas/artigos.php?artigo=q_midia/ila_mascarenhas_muniz.pdf). Acesso em: 27 out. 2020.

NASCIMENTO, Roseli; BEZERRA, Fábio; HEBERLE, Viviane. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

OSÓRIO, Rafael. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Texto para Discussão nº 996. Brasília: IPEA, 2003.

PALUMBO, Livia; TOLEDO, Cláudia. A tecnologia como instrumento democratizador do direito à educação nos tempos da pandemia causada pela COVID-19. **Revista Brasileira de Direitos e Garantias Fundamentais**, v. 6, n. 1, p. 72-90, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

ROYCE, Terry. Multimodal communicative competence in second language contexts. *In*: ROYCE, Terry; BOWCHER, Wendy (org.) **New directions in the analysis of multimodal discourse**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007. p. 361-403.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVA, Tatiana; SILVA, Sandro. **Trabalho, população negra e pandemia: notas sobre os primeiros resultados da PNAD Covid-19**. Nota Técnica nº 46. Brasília: IPEA, 2020.

WODAK, Ruth. Do que trata análise crítica do discurso: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.

WOLFF, Cristina; MINELLA, Luzinete; LAGO, Mara; RAMOS, Tânia. Pandemia na necroeconomia neoliberal. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 2, p. 1-7, 2020.